

# Somos homens ou somos máquinas? Para que serve a filosofia?

Sérgio Murilo Rodrigues\*

## RESUMO

Para que serve a filosofia? Qual é o papel da filosofia no mundo moderno e principalmente como disciplina dentro de uma universidade? O artigo pretende responder estas perguntas a partir do filme *Matrix* e da idéia de que, no futuro, os homens serão dominados pelas máquinas.

**Palavras-chave: Filosofia; humanizar; humanismo e modernidade.**

## ABSTRACT

For what serves the philosophy? Which is the task of the philosophy in the modern world and mainly as a discipline inside of a university? The paper intends to answer the questions based in the movie *Matrix* and the idea that the men will be dominated by machine in the future.

**Keywords: Philosophy; to humanize; humanism and modernity.**

## Introdução

O que é *Matrix*? A questão colocada pelo filme de mesmo nome de 1999 dos irmãos *Wachowski* despertou um grande interesse nas pessoas, um interesse proporcional à imensa bilheteria obtida pelo filme (o que, inclusive, incentivou os diretores e produtores a fazerem mais duas continuações). No filme, *Matrix* é um sofisticado sistema de *inteligência artificial* capaz de criar um mundo ilusório, no qual todos os seres humanos (ou quase todos) vivem sob rígido controle. As máquinas formam um sistema auto-regulado e não necessitam mais da intervenção direta dos homens. Assim, os seres humanos são necessários apenas como “pilhas” (fontes de

---

\*Mestre em Filosofia pela FAFICH-UFMG. Doutorando em Filosofia pela Universidade Complutense de Madrid. Professor da PUC Minas. E-mail: [sergio10@pucminas.br](mailto:sergio10@pucminas.br)

energia) do sistema, que, por isso, precisa mantê-los sob domínio.

*Matrix* é um filme classificado no gênero *ficção científica*, ou seja, remete-nos para um futuro distante e bastante improvável. E a maioria das pessoas realmente acredita que, apesar de o filme mostrar um futuro bastante assustador, não devemos nos preocupar, pois este futuro nunca chegará. Afinal de contas, como é possível um futuro em que as pessoas não saibam se estão acordadas ou sonhando? Um futuro no qual as máquinas sejam capazes de dominar os seres humanos?

O mais interessante é que se formos consultar a cinematografia existente sobre o tema, *máquinas dominando os homens ou máquinas querendo tornar-se humanas*, veremos que existe uma quantidade significativa de filmes desse tipo. Por exemplo, “Frankenstein”, “Tempos Modernos”, “Metropolis”, “Blade Runner” (O caçador de andróides), “Exterminador do Futuro”, “O Homem Bicentenário”, “Eu, robô”, “Inteligência Artificial” e etc. Todos esses filmes falam sobre o mesmo tema e fizeram grande sucesso. Podemos supor que esse sucesso se deve à capacidade deles em despertar nas pessoas um sentimento, ou uma percepção, de algo que efetivamente as pessoas estavam sentindo no tempo presente. O que quero dizer é que esses filmes não falam do futuro, mas do nosso próprio presente, do nosso aqui e agora. Eles falam dessa terrível sensação que sentimos de sermos apenas uma pequena parte de uma enorme engrenagem que faz parte de uma máquina ainda maior e, assim, sentimos uma terrível sensação de impotência, de não podermos fazer nada para mudar o mundo em que vivemos e a nossa própria vida. Sentimos como se fossemos simples “mercadorias” ou “objetos” manipulados por “forças poderosas” que nem sequer imaginamos quais sejam. Sentimo-nos como se fossemos *máquinas*. Considero que esse “sentir-se máquina” coincide com o sentimento de “estar dominado pelas máquinas” e também com a idéia de “máquinas que querem tornar-se humanas”. Ora, aquelas pessoas dominadas pelas máquinas perdem a sua humanidade e se tornam máquinas também. Então essas “máquinas” (antigas pessoas) buscam tornar-se humanas novamente. Todos os filmes anteriormente citados dizem respeito à busca, daqueles homens e mulheres que se sentem “máquinas”, pela humanidade que eles perderam. Todos esses filmes dizem respeito a um *tornar-se humano*.

Mas o que significa dizer que somos dominados pelas máquinas? Será que quer dizer que seguimos ordens do liquidificador? Claro que não, da televisão talvez sim, mas do liquidificador, não. O que quero dizer é que, cada vez mais, nós, seres humanos, ficamos parecidos com as máquinas, não parecidos fisicamente, é claro, mas no modo

de agir e de pensar. Cada vez mais agimos de uma forma programada, pré-determinada, previsível, mecânica; de uma forma fria, calculista, procurando alcançar a máxima eficiência, tentando eliminar os sentimentos e os valores como se eles fossem “defeitos”, que atrapalham o nosso sucesso. É isso que chamo de “parecer-se” com uma máquina ou ser dominado pelas máquinas. Imaginemos uma situação fictícia para ilustrar o nosso pensamento. Imaginemos cinco pessoas com fome e uma delas consegue obter um prato de comida. Ela pode comer sozinha, escondida dos outros ou dividir a comida com os outros quatro. Dividir a comida por cinco significa que todos comerão, mas nenhum matará plenamente a sua fome. Comer sozinho significa matar a própria fome, mas deixar quatro companheiros com fome. Dividir ou não a comida? O que uma máquina decidiria? O que você decidiria? Você escolheria a eficiência ou a ética? A máquina certamente escolheria a eficiência e neste caso o mais eficiente seria comer sozinho. Assim, um mundo dominado pelas máquinas significa um mundo em que as pessoas agem como se fossem “máquinas” eficientíssimas, mas previsíveis e egoístas.

Mas como o mundo ficou desse jeito? Como as *máquinas* passaram a nos dominar? Para responder a essa pergunta precisamos voltar à Europa dos séculos XVI e XVII, quando surge a chamada *modernidade*. Segundo *Fritjof Capra*,

*A visão do mundo e o sistema de valores que estão na base de nossa cultura, e que têm de ser cuidadosamente reexaminados, foram formulados em suas linhas essenciais nos séculos XVI e XVII. Entre 1500 e 1700 houve uma mudança drástica na maneira como as pessoas descreviam o mundo e em todo o seu modo de pensar. A nova mentalidade e a nova percepção do cosmo propiciará à nossa civilização ocidental aqueles aspectos que são característicos da era moderna. Eles tornaram-se a base do paradigma que dominou a nossa cultura nos últimos trezentos anos (...) (CAPRA, 1994, p.49).*

Vários fatores contribuíram para o surgimento da *modernidade*, mas podemos destacar dois: a *ciência moderna* e o *capitalismo*. Esses dois fenômenos históricos surgiram de forma independente um do outro no mundo ocidental. Não podemos dizer que a ciência tenha causado o capitalismo ou o capitalismo a ciência, mas os projetos de desenvolvimento de ambos foram, com o tempo, se ajustando de tal forma, que o desenvolvimento de uma fomentava o desenvolvimento do outro e vice-versa. Como pensar o capitalismo sem os avanços tecnológicos propiciados pela ciência e como pensar a ciência sem os grandes investimentos (de longo prazo) do capitalismo? A *ciência moderna* e o *capitalismo* foram fundamentais para o estabelecimento das

principais características da *modernidade*: uma *razão calculadora*, o *materialismo*, o *mecanicismo*, o *individualismo*, a defesa da *liberdade* e do *progresso* e, por último, a pretensão à *universalidade*.

Uma característica fundamental da *ciência moderna* é a utilização de uma linguagem *matemática* para descrever os fenômenos do mundo. Galileu defendeu a concepção de uma realidade cuja essência é matemática e, portanto, a ciência só poderia obter um conhecimento verdadeiro a partir da dimensão *quantitativa* do mundo (as chamadas *qualidades primárias*). Somente aquilo que pode ser medido pode ser objeto do conhecimento. Galileu também separa a *ciência* da *religião*. As questões da ciência podem ser resolvidas pelo método científico (matematização e experimentação), que alcança uma verdade *objetiva* (com a qual todos concordam). As questões da religião, de ética e até mesmo da filosofia só podem ser resolvidas pela fé, já que a argumentação lógica empregada não consegue alcançar uma concordância geral. Assim, Galileu separa a *ciência* da *ética* e da *filosofia* (a filosofia deve se tornar “análise do método”). Toda reflexão qualitativa (o bom, o belo, o feliz, o sábio), que não pode ser colocada na forma de um *cálculo*, será desprezada. A filosofia passa, então, a procurar um *método* que lhe permita adequar a reflexão ao cálculo. *René Descartes* escreve o “discurso do método” inspirado na matemática, *Spinoza* escreve uma “ética demonstrada geometricamente” e *Thomas Hobbes* define o pensamento como uma forma de calcular. A *ciência moderna* estabelece uma nova concepção de racionalidade: a *instrumental*. E essa concepção se impõe a outras áreas do pensamento (a própria filosofia), tornando-se a concepção dominante de racionalidade na sociedade moderna, mesmo no senso comum das pessoas. A razão instrumental calcula friamente (sem nenhuma consideração ética ou sentimental) os melhores meios (as estratégias mais eficientes) para se obter um objetivo. Esse objetivo implica em *dominar* algo. O conhecimento já não tem mais uma dimensão contemplativa, que busca alcançar a sabedoria; mas ele se torna atividade, que visa obter resultados através da previsão dos fenômenos relacionados ao objeto do conhecimento (“previsão, logo ação” é o lema do *Positivismo*). *Bacon* sintetizou bem essa mudança de rumo do conhecimento com a frase: *saber é poder*. A ciência e a razão instrumental servem para os homens dominarem eficientemente a natureza. Esta dominação é posteriormente estendida para os próprios seres humanos. Afinal de contas, se a razão científica pode calcular os melhores meios para dominar a natureza física, por que não dominar também a natureza humana? Os seres humanos são transformados em “coisas” (*reificação*), objetos de um conhecimento capaz de prever,

controlar e dominar. Ora, não é difícil perceber como o *capitalismo* adequou-se bem a essa nova concepção de razão e de ciência. O capitalismo caracteriza-se pela idéia de *lucro* (obter o máximo do mínimo), pela prioridade do *econômico* (dinheiro), pela valorização do *trabalho* eficiente. Ora, todas essas características se adequam perfeitamente ao cálculo frio, sem restrições éticas, da razão científica. Não é à toa que algumas afirmações da ciência parecem ter sido feitas para o capitalismo, quando na verdade não faziam nenhuma referência a ele: por exemplo, *Maquiavel* quando diz, em relação à *ciência política*, que *o fim justifica os meios*.

A separação entre ciência e religião, a valorização do trabalho manual e o novo estatuto de um conhecimento voltado para a prática favoreceram a valorização do empírico, do fato material e, portanto, um predomínio do materialismo. Mesmo Descartes, um filósofo que não pode ser considerado um materialista, ao privilegiar a matemática como via de acesso à realidade e à verdade, precisa afirmar que ela só se aplica às “coisas extensas” e por isso só podemos obter um conhecimento causal exato, previsível e verdadeiro a partir da “extensão” (matéria). Mesmo considerando a “coisa pensante” como fonte e fundamento do conhecimento, Descartes precisa admitir que o “pensamento” não é quantificável. Ele não pode ser medido justamente por causa da sua característica principal, ser livre e, portanto, não pode ser conhecido.

Com o predomínio da matemática e do materialismo, o universo, a natureza e os próprios seres humanos passam a ser vistos como *máquinas*, mecanismos materiais que seguem rígidas leis matemáticas (são como “relógios”, mecanismos rigorosamente determinados, exatos e previsíveis). O *mecanicismo* foi um dos principais responsáveis pelo sucesso da ciência, por causa da sua alta capacidade de prever acontecimentos futuros. A realidade passará a ser compreendida como uma máquina “simples”, que funciona a partir de conexões causais lineares ( $X$  causa  $Y$ ) e os problemas relacionados ao conhecimento passam a ser problemas de método. Estabelecido o procedimento correto não há como não chegar ao objetivo proposto.

A palavra “*moderno*” significa um novo tempo que vem se contrapor a um passado que deve ser abandonado. A palavra aparece pela primeira vez quando os cristãos querem caracterizar os novos tempos desqualificando o passado pagão (COELHO, 1986, p.13). Assim, a *modernidade* caracteriza-se por uma negação da tradição e uma supervalorização do presente. Romper a tradição é afirmar a própria *individualidade*. Surge um novo conceito de *indivíduo*. O *indivíduo* é, agora, totalmente independente da sociedade, da história, da natureza e até de Deus. Descartes quando

disse “penso, logo existo”, utiliza a primeira pessoa do singular (*Eu* penso), ressaltando que a verdade científica se funda na consciência individual do cientista, livre da tradição religiosa, das pressões sociais e sentimentais. Newton fala de um universo composto de partículas materiais mínimas (os átomos) responsáveis por todos os fenômenos e influencia Locke a dizer que “os átomos” da sociedade são os indivíduos e, como “base/fundamento”, eles são mais importantes que a própria sociedade. O *liberalismo*, base do capitalismo, defende justamente a liberdade do indivíduo de comprar, vender, acumular bens, dizer o que pensa. Governos, tradições culturais, religiões e etc não podem interferir nessas liberdades.

A mentalidade “comerciante” do capitalismo sempre foi *totalizadora* (globalização). A idéia de expandir as regras dos contratos comerciais e de trabalho para todo o mundo faz parte do capitalismo. O combate da Inglaterra ao tráfico de escravos, por motivos comerciais e não humanitários, é um bom exemplo disso. A ciência moderna opera com uma concepção de *racionalidade*, cuja pretensão é ter uma validade *universal*. O *Iluminismo* defendia a idéia de uma razão científica *universal*, capaz de resolver todos os problemas do mundo. Assim, os intelectuais europeus acreditaram, sinceramente, que só a ciência e a razão instrumental poderiam levar a humanidade a um progresso sem fim. A modernidade busca sem cessar o progresso e a sua universalização. O princípio da eficácia torna-se o “motor” da vida: só os conhecimentos técnico-científicos podem aumentar a eficiência do trabalho e levar o progresso para toda a humanidade. Esta busca de eficiência gera uma competição selvagem entre as pessoas, em que os indivíduos buscam desesperadamente pelo sucesso sem se importarem com as conseqüências éticas desta busca. Esta competição pelo sucesso faz com que os próprios indivíduos queiram ser objetos (máquinas) com o maior grau possível de utilidade (eficiência), pois assim eles serão valorizados. Assim, podemos perceber um grande desnível entre o progresso técnico-material (realmente fabuloso) e o progresso moral-humano. As pessoas, mesmo com todo o desenvolvimento material, sentem-se vazias. Como isso é possível? Afinal de contas, nós vivemos em um mundo tecnologicamente desenvolvido, com enormes avanços científicos na medicina, nas comunicações, nos transportes e etc. Como as pessoas podem, ainda sim, sentirem que suas vidas não têm sentido? Como as pessoas que têm tudo podem não ter nada?

Bem, antes de qualquer coisa, temos que lembrar que todas as características da *modernidade*, mencionadas anteriormente, foram profundamente *revolucionárias* na

época do seu surgimento. É inegável o imenso potencial de produção e progresso das sociedades modernas. Por mais que sejamos críticos em relação à época em que vivemos, não podemos abrir mão dos avanços obtidos, das liberdades conquistadas e do potencial de desenvolvimento e pesquisa que existem no sistema atual. Não queremos jogar fora a criança junto com a água da bacia. Não se trata de uma negação total e radical da modernidade, da ciência e da técnica. Só queremos refletir sobre idéias que foram muito interessantes há 300 anos atrás, mas que atualmente produzem uma série de *patologias* na sociedade moderna. Separar a esfera da ética da esfera da eficiência foi fundamental em um certo momento da história ocidental, assim como pensar os seres vivos (incluindo os homens) como se fossem máquinas, mas agora, diante das desigualdades sociais, dos efeitos nocivos de várias descobertas da tecnociência, do impacto global das políticas privadas de certos países, dos problemas ecológicos precisamos reconciliar a ética com a eficiência, precisamos pensar os animais e os homens não como máquinas, mas como seres vivos, precisamos de uma razão mais ampla, que não seja somente calculadora. Uma máquina pode alcançar um elevado nível de eficiência e, por isso, muitas pessoas bem intencionadas acreditaram que uma sociedade que seguisse o modelo mecanicista seria uma sociedade boa de se viver (*oh, admirável mundo novo!*). Mas a eficiência das máquinas está ligada a incapacidade delas de agir eticamente, de forma justa e solidária. Elas são incapazes de amar. E aqui encontramos a resposta para a pergunta proposta anteriormente (como as pessoas podem se sentir *vazias*, se sentir como *máquinas*, em um mundo tão desenvolvido?): no momento em que os seres humanos buscam uma ação com um máximo de eficiência, elas deixam de pensar eticamente, deixam prevalecer apenas a razão calculadora e, então, elas se tornam *máquinas*, deixam de ser humanas. É isto que chamamos de *desumanização*. Ora, buscar um sentido na vida, sentir-se pleno e satisfeito são características exclusivamente humanas, *máquinas* não as possuem. Logo, as pessoas que não se sentem mais humanas, passam a se sentir vazias. Elas voltarem a ser humanas seria a solução.

Certamente as pessoas não têm isso claro para elas próprias. Ninguém gosta de pensar que não é “humano”, mas uma “máquina”, por isso é preciso acreditar na ilusão de que o conforto, os prazeres e os desenvolvimentos tecnológicos são suficientes para nos tornar humanos. É uma ilusão prazerosa e por essa razão elas gostam dela. Elas chegam a ficar com raiva quando alguém tenta acordá-las desse sonho. Ora, ter uma Ferrari é muito bom e todos, provavelmente, gostariam de ter uma, mas isso não torna

ninguém mais humano ou resolve os seus problemas pessoais e existenciais. Por mais difícil que seja possuir uma Ferrari, ainda assim, ter isso como “sentido para a vida” nos parece ser muito pouco. No filme *Matrix* tem uma passagem em que o personagem Morpheu define a Matrix: *É o mundo colocado diante de seus olhos para que você não veja a verdade. Qual verdade? A verdade que você é um escravo. Como todo mundo você nasceu em um cativeiro, em uma prisão que não consegue sentir ou tocar, uma prisão para a sua mente.* Desta forma, as pessoas sentem um *mal-estar*, um *vazio*, mas não conseguem perceber claramente que elas estão agindo como máquinas, não conseguem perceber onde está o problema e continuam a agir sem senso crítico, de forma alienada, acreditando em tudo que vêem e ouvem.

Mas você deve estar se perguntando, onde entra a filosofia nisso tudo? Afinal de contas, para que a filosofia? A resposta está em uma palavra muito importante para a filosofia e também para as universidades, principalmente para uma Pontifícia Universidade Católica. Trata-se da palavra **humanismo**. Segundo *Comte-Sponville* e *Luc Ferry*, a questão fundamental da filosofia é:

*Como viver? É a questão principal, pois contém todas as demais. Como viver de uma maneira mais feliz, mais sensata, mais livre? No mundo tal como é, já que não temos opção. Na época que é a nossa, já que todas as opções dependem dela. Para transformar o mundo? Para se transformar? Ambos. Um pelo outro. A ação é o caminho. Mas que só vale pelo pensamento que a ilumina. (...) Como viver? Se a filosofia não responder a essa questão, para que a filosofia? (COMTE-SPONVILLE & FERRY, 1999, p.5).*

E como podemos responder a questão de *como viver*, sem pensarmos em *como viver com dignidade humana*? Afinal de contas, não queremos só viver, mas queremos viver como seres humanos. A função da filosofia é desenvolver uma vigorosa reflexão sobre o que é ser humano. Cabe à filosofia refletir sobre a vida efetivamente vivida, não para ficarmos presos a uma imediatividade cega e enganadora, mas para buscarmos uma compreensão crítica, radical e totalizadora da nossa situação no mundo. Só assim poderemos intervir no mundo e em nossas vidas e, principalmente, nos tornarmos mais humanos. A função da filosofia é perguntar: qual o lugar do ser humano em uma sociedade tecnológica? O que significa levar uma vida que seja digna de ser chamada de humana? Inclusive cabe também à filosofia perguntar porque paramos de fazer tais perguntas? Por que ninguém se interessa mais por isso?

O humanismo é simplesmente isso, um esforço para valorizar a dignidade do espírito humano. E podemos entender por “espírito” toda aquela dimensão que nos



arranca da pura imediaticidade do físico e do biológico. Estou falando da moral, da estética, dos sentimentos, da religiosidade e etc. Lima Vaz reivindica para o cristianismo o autêntico *humanismo*. Os outros “humanismos”, como o “*humanismo ateu*” de *filiação marxista*, o “*humanismo científico*” de *tradição positivista*, o “*humanismo pragmatista*” americano, o “*humanismo evolucionista*” de Julian Huxley, o “*humanismo existencialista*” de Jean-Paul Sartre (LIMA VAZ, 2001, p.11), cometeriam o grave erro de colocar o *homem* no lugar de *Deus* e com isso não conseguiriam sustentar o estatuto de *sagrado* para a vida humana. A questão sobre o que seja o *humanismo* também é tematizada por Luc Ferry e Comte-Sponville no livro *A sabedoria dos modernos*. Luc Ferry defende um *humanismo do homem-Deus* (*L’homme-Dieu*), no qual a vida humana seria *sagrada*, mas seria um *sagrado* sem conotação religiosa (será possível?). Para isso ele busca uma definição de Nietzsche sobre o *sagrado*: *Como aquilo por que, se necessário, poderíamos sacrificar nossa vida* (1999, p.17-8). Comte-Sponville defende uma posição *materialista* e acredita que a vida humana, em termos materiais, é igual à vida de todos os outros seres. Mas ele próprio admite que se teoricamente ele é *anti-humanista*, na prática ele é *humanista*:

*A humanidade não é uma essência, que deveríamos contemplar, nem um absoluto, que deveríamos venerar: ela é uma espécie, que devemos preservar, uma história, que devemos conhecer, um conjunto de indivíduos, que devemos reconhecer, enfim um valor, que devemos defender. Trata-se de não ser indigno do que a humanidade fez de si, e de nós. É o que chamo de fidelidade, que para mim é mais importante que a fé* (COMTE-SPONVILLE & FERRY, 1999, p.44).

Não pretendo chegar a nenhuma conclusão acerca do debate sobre o que é o *humanismo*, gostaria apenas de dizer que ele existe e que utilizo o termo *humanismo*, aqui, em um sentido amplo, que abarca praticamente todas as correntes filosóficas: a preocupação com uma formação ampla que desenvolva as potencialidades daquilo que temos de mais humano, que não sejamos simples “máquinas” especializadas em uma função, mas que sejamos especialistas em “não ter uma especialidade”, estejamos sempre abertos a mudanças, em aprendermos com o sofrimento e com a alegria e sermos dignos da humanidade que possuímos. É a isso que a filosofia se propõe. E não pensem que isso é fácil. A filosofia não tem fórmulas prontas ou receitas de como viver, de como ser mais humano. Ela só pode estimular a discussão, o livre debate, a reflexão

*A filosofia não é um longo rio tranqüilo, em que cada um viria pescar sua verdade. É um mar, em que mil vagas se enfrentam, em que mil correntes se opõem, se encontram, se misturam às vezes, se separam, tornam a se encontra, de novo se opõem... (COMTE-SPONVILLE & FERRY, 1999, p.6).*

O debate filosófico precisa ser, mais do que tudo, rigoroso, lógico, bem fundamentado, principalmente porque ele lida com questões que não se resolvem com fórmulas matemáticas, mas que são fundamentais para a existência. Felizmente, temos quem nos guie nesse mar turbulento: os grandes pensadores que já pensaram nessas mesmas questões e podem nos oferecer excelentes argumentos. Não quer dizer que vamos copiar literalmente esses argumentos, afinal de contas, o mundo deles, a vida deles era diferente da nossa, mas podemos inspirar a nossa reflexão na que eles fizeram e assim aproveitarmos o que já foi pensado por Platão, Aristóteles, Descartes, Santo Agostinho e outros mais. Isaac Newton disse que só conseguiu “enxergar tão longe, porque estava em pé no ombro de gigantes”.

A filosofia apenas mostra a porta, mas são as pessoas que devem decidir se querem atravessá-la ou não. Escolher entre deixar tudo do jeito que está ou se aventurar em um novo caminho, um caminho difícil, muitas vezes desagradável, um caminho cuja única vantagem é permitir que você diga: “eu sou livre” e se sentir feliz com isso, feliz em ser você mesmo, feliz em poder ver os “códigos” que compõem a realidade, poder ver a floresta como um todo e não apenas as árvores individuais. É só isso que a filosofia pode fazer: mostrar caminhos que nos possam deixar mais humanos.

Volto a dizer que fazer uma reflexão sobre a técnica não é, de maneira alguma, recusa-la. A técnica também faz parte do humano. E estamos falando desde o tempo em que o homem aprendeu a manejar suas primeiras ferramentas, desde que aprendeu a fazer fogo. Na mitologia grega, Prometeu é condenado por Zeus pelo crime de ter dado o fogo para os homens, ou seja, ter-lhes ensinado a *técnica* e agora eles se sentiam mais fortes que os deuses. Assim a técnica é fundamental na humanização do homem. Só devemos nos lembrar que a técnica não existe por si mesma, de forma independente dos homens, como muitas vezes parece acontecer. A técnica existe para o ser humano e sempre existirá algo de humano por trás de qualquer técnica por mais sofisticada que ela seja. O homem não deve viver para servir a técnica, mas a técnica é que deve existir para servir à vida humana. O humanismo não pretende substituir a técnica e devemos lutar para que a técnica não substitua o humanismo. Ambas possuem o seu lugar na formação integral do ser humano. Certamente não estamos falando que um estudante de

engenharia não precisa saber matemática, que é suficiente ele agir de uma forma muito humana. Estamos dizendo que a técnica e a ciência associadas a valores humanos, como dignidade, respeito, convivência, solidariedade, amor, responsabilidade, sentido para a vida, torna a vida da pessoa muito melhor.

Técnica com reflexão, ciência com responsabilidade, é isso que a filosofia deseja, basicamente, um mundo mais humano, uma ciência mais humana. Se quisermos transformar o mundo precisamos primeiro transformar a nós mesmos. A filosofia pode, então, repetir as palavras de *Neo* no final do filme *Matrix*: Busquem a mudança, a crítica, é difícil mudar, mas é extremamente necessário. Eu não conheço o futuro, não posso prometer nada. Eu não vim dizer como isso vai acabar, mas vim dizer como vai começar. Vou mostrar para as pessoas aquilo que o sistema não quer que elas vejam, aquilo que elas mesmas não querem ver. Vou mostrar a elas um mundo sem *Matrix*. Um mundo sem regras e controles desnecessários, um mundo sem limites e fronteiras. Um mundo de sua inteira responsabilidade. Um mundo mais humano, feito por pessoas mais humanas. Para onde vamos agora é uma escolha que deixo para vocês.

## Referências

BURTT, Edwin. **As bases metafísicas da ciência moderna**. Tradução. de José Viegas Filho e Orlando Araújo Henriques, Brasília: EdUnB, 1983.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. Tradução de Álvaro Cabral, São Paulo: Cultrix, 1994.

COELHO, Teixeira. **Moderno pós moderno**. Porto Alegre: L&PM, 1986.

COMTE-SPONVILLE, André & FERRY, Luc. **A sabedoria dos modernos**. Tradução de Eduardo Brandão, São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FREIRE-MAIA, Newton. **A ciência por dentro**. Petrópolis: Vozes, 1992.

HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. Tradução de Vidal de Oliveira e Lino Vallandro, Porto Alegre: Globo, 1981.

MATRIX. Produção de Joel Silver, dirigida por Andy Wachowski e Larry Wachowski, com Keanu Reeves, Laurence Fishburne e Carrie-Anne Moss, duração de 136 minutos, ano: 1999.

THUILLIER, Pierre. **De Arquimedes a Einstein**. Tradução de Maria Inês Duque-Estrada, Rio Janeiro: Zahar, 1994.

VAZ, Henrique de Lima. **Humanismo hoje: tradição e missão**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2001.